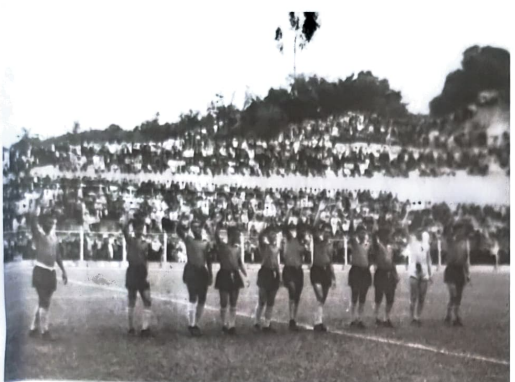
Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Aqui restou o vazio e o silêncio



Craques da Seleção Brasileira treinam no Estádio Municipal de Serra Negra em 1966 | *Arquivo de Nestor Leme*

No final dos anos quarenta, os cassinos de todo o país foram extintos. O golpe foi duro para nossa cidade. Turismo, comércio, indústrias, tudo parou de vez. Até o futebol sofreu com o impacto desta extinção, pois nos dois times locais jogavam craques atraídos pelo movimento do cassino e, com o fim destes, os jogadores foram embora. Os times pararam e seus campos foram desativados.

Assim, a cidade ficou sem futebol até 1950, quando desportistas conseguiram autorização para reativar o Campo do XV, que foi reinaugurado em outubro daquele ano, num jogo entre o recém-fundado Serra Negra E.C. e o Lindóia F.C. Mas tudo aquilo durou pouco, porque em 1956 o proprietário retomou o terreno e ficamos novamente sem futebol.

Dois anos depois, a Portuguesa F.C., que um dia virou Portuguesa A.C., revitalizou o antigo Campinho de São Benedito e ali começou sua gloriosa história. Vendo aquilo, torcedores do Serra Negra E.C. conseguiram alugar o terreno do desativado Campo do XV, começando aí uma das maiores rivalidades do futebol serrano.

Neste tempo, a Prefeitura, atendendo a pedidos de futebolistas locais, já tinha desapropriado o terreno do atual Estádio Municipal Antônio Barbosa Pinto da Fonseca. Porém, as obras seguiam num ritmo lento, com apenas um trator de pequeno porte fazendo o serviço de terraplenagem.

Num dia daquele tempo, chegou a notícia de que a Seleção Brasileira, que iria se preparar para a Copa do Mundo do Chile, de 1962, viria para Serra Negra para uma etapa de seus treinamentos. Por sorte da Prefeitura, quando esta notícia chegou, uma grande construtora estava terminando a terraplenagem e o asfaltamento da rodovia Serra Negra-Lindóia. Então, foi contratada para concluir a terraplenagem do futuro estádio, finda a qual pedreiros e plantadores de grama entraram em ação para as obras de acabamento.

Assim, o tão esperado Estádio Municipal de Serra Negra foi inaugurado no domingo, 22 de abril de 1962, com uma grande festa. E nem bem o barulho daquela festa tinha amainado, vimos chegar a Serra Negra a Seleção Brasileira de Futebol, com todos os seus craques.

E a CBF gostou tanto de nossa cidade que o fato se repetiu em 1966, quando a Seleção se preparou para a Copa do Mundo da Inglaterra. Depois disto, o futebol serrano embalou, pois a Portuguesa A.C. e o Serra Negra E.C. formaram grandes equipes, com as quais disputaram por anos campeonatos regionais. Assim como grandes equipes do futebol brasileiro começaram a usar nosso estádio para suas pré-temporadas, também estiveram por aqui seleções internacionais, tais como as da Arábia Saudita e da Jamaica. Além disso, aconteceram jogos do Campeonato de Juniores de estados brasileiros e etapas da Copa São Paulo de Juniores.

Mas tudo isto acabou e hoje o estádio vive de treinos do time de veteranos local e de um campeonato amador que dura poucos meses.

No dia 19 de maio deste ano de 2026, sessenta anos depois da estadia da Seleção Brasileira em 1966, esteve em Serra Negra uma equipe da BandSports para uma reportagem sobre aqueles acontecimentos. Fui um dos convidados para dar depoimento sobre aquilo.

Fomos ao hotel onde os atletas ficaram concentrados e, à tarde, já no Estádio Municipal, a repórter me perguntou o que eu sentia em estar novamente no local onde tudo aquilo aconteceu.

Respondi que o sentimento era de imensa tristeza ao ver aquelas arquibancadas vazias e silenciosas, sendo que um dia elas estiveram lotadas de torcedores, com a Bandinha do Orlando animando a festa, o foguetório, as brigas. Tudo aquilo acabou para sempre e, com certeza, não voltará a acontecer jamais. Restou o vazio e o silêncio.

Público comparecia em massa aos jogos que marcaram a história do esporte em Serra Negra | *Arquivo*

Arquibancadas lotadas retratam uma das fases mais movimentadas do futebol serrano | *Arquivo*

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Ansiedade

O mundo está cada vez mais ansioso. Eu digo o mundo, pois é um enorme número de pessoas que hoje sofre desse mal. Sabem aquela cena do caipira sentadinho, mascando fumo e não pensando em nada? Isso não existe mais. Nem o caipira é mais assim. Algumas poucas filosofias no mundo ainda pregam o "zen", sem celular, mas até as filosofias mais introspectivas acabaram por sucumbir aos meios de comunicação para divulgarem seus dogmas e palestras.

A ansiedade causa muitos males. Ainda que o mundo esteja girando e tudo funcionando, ela faz a pessoa acreditar que uma tragédia está prestes a acontecer a qualquer momento. O sujeito recebe uma mensagem da esposa dizendo apenas: "Precisamos conversar". Pronto. Em cinco minutos ele já perdeu o emprego, foi abandonado, declarou falência e está morando numa cabana no alto de uma montanha criando cabras.

O ansioso está sempre pensando no desastre. Ele pega uma dorzinha de cabeça e transforma em uma doença rara pesquisada pelo Dr. Google. Um atraso de dez minutos vira um sequestro. Uma reunião marcada para terça-feira faz a pessoa sofrer desde sexta-feira. E se for uma audiência, então... Hoje a pessoa está sentada confortavelmente no sofá, com café, biscoito, internet, ventilador e água gelada, mas o peito está apertado, sofrendo por algo que nem sabemos. Às vezes o cérebro moderno consegue fabricar problemas e, algumas vezes, eles realmente existem e nos deixam 24 horas aflitos. E o celular não ajuda. Ele vibra, e já pensamos: "Quem morreu?" Quando não vibra, pensamos: "Por que ninguém me procura?" Se toca às dez da noite, é problema. Se não toca, também é problema.

Eu vinha vivenciando minhas viuvez e aposentadoria quando me chamaram para ser provedora do hospital. Foram dois anos de muita preocupação e ansiedade. Após esse período, eu declinei do convite e nunca mais assumo nada que me deixe doente. Fiquei com um leve pânico e com ansiedade que deixou minha mente envoada sem conseguir pensar com clareza.

O velho caipira é o mais sábio: senta à sombra de uma árvore, entende das coisas que esquecemos e tem a certeza que nem tudo precisa ser resolvido agora. Algumas coisas se resolvem sozinhas; outras com o tempo e, algumas, nem eram problemas de verdade. Enquanto isso, seguimos ansiosos e preocupados com o amanhã, com o mês que vem e com o ano que vem, com o peito apertado e buscando uma fuga dessa constante ansiedade.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Memórias de um cientista arrependido

"Clube de Leitura Além de Um Livrinho" | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

No último sábado, o Museu ReArte virou o ponto de encontro perfeito entre o cinema dos Direitos Humanos e as crianças do projeto "Narrativas Sustentáveis" (uma parceria linda da UNIFAL-MG com o clubinho Além de um Livrinho). Enquanto a garotada debatia os textos do indigenista Ailton Krenak, dei uma escapada até o nosso jardim aromático para colher umas folhas e dar uma aula prática de chás e temperos. Olhando para aqueles olhinhos curiosos, fui subitamente visitado pela lembrança amorosa da minha avó Emma.

Emma nasceu em 1899 nas nossas montanhas cafeeiras. Nunca pisou numa escola, não tinha diplomas e mal assinava o nome. Mas sabia tudo sobre plantas! Era uma raizeira de mão cheia, daquelas que decifravam o milagre da cura pelo perfume de uma casca ou o formato de uma folha.

A recordação me fez viajar para o dia em que fui agraciado na Academia Amparense de Letras. Diante de discursos infindáveis e pomposos, onde cada colega detalhava teses e títulos acadêmicos, minha bateria social, como é padrão em nós, autistas, já estava operando na reserva. Quando finalmente peguei o microfone, a exaustão me deu o dom da síntese mais honesta da minha vida: "Boa noite. Como os colegas, tenho graduações, pós e cerca de trinta livros publicados. Mas, minha homenagem hoje vai para minha avó Emma, nascida em Amparo. Ela era analfabeta e infinitamente mais sábia do que eu. Precisei passar a vida estudando para tentar aprender metade do que ela já nasceu sabendo".

Há uma arrogância velada no cientificismo acadêmico. Quando criança, metido a gênio, eu vestia orgulhosamente um jaleco e brincava com tubos de ensaio, ignorando a imensa biblioteca viva que tomava café na nossa cozinha! Enquanto meio mundo vinha de longe buscar as "garrafadas de ervas" da minha avó, eu limpava a lente do microscópio. Na idade adulta, precisei correr atrás do prejuízo: estudei fitoterapia (terapia com plantas) a fundo e escrevi dois livros cruzando a Medicina Tradicional Chinesa com a psicanálise junguiana e as ervas brasileiras... tudo para tentar decifrar o que a "velha" fazia por puro instinto.

E vejam a ironia do mundo moderno: ela era aclamada (com toda justiça!) "Mestre do Saber" pelo próprio povo. Já eu, para herdar oficialmente o mesmo título, e mais o de "Raizeiro", precisei provar minha competência numa epopeia burocrática que envolveu o IPHAN, o Ministério do Meio Ambiente e o temível SisGen (Conselho de Gestão do Patrimônio Genético). Se déssemos tamanha papelada para os verdadeiros mestres tradicionais, eles provavelmente usariam as folhas de formulário para acender o fogão a lenha...

Essa pontada de revolta contra o excesso acadêmico, somada à saudade de Emma e da minha outra avó, a Josepha (que fechava o combo familiar como uma benzedeira de primeira), inspirou a nossa programação de julho no ReArte! Teremos uma exposição de artes e mostra de cinema sobre saberes tradicionais milenares e uma oficina prática para ensinar todo mundo a usar a força das plantas no bem-estar cotidiano. Tudo totalmente gratuito - exatamente como o atendimento nos quintais das minhas avós. O jaleco e o diploma têm seu valor, mas é na terra úmida e no saber descalço que a cura verdadeiramente reside!

Por Henrique Vieira Filho

Memórias de um cientista arrependido

"Clube de Leitura Além de Um Livrinho" | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

No último sábado, o Museu ReArte virou o ponto de encontro perfeito entre o cinema dos Direitos Humanos e as crianças do projeto "Narrativas Sustentáveis" (uma parceria linda da UNIFAL-MG com o clubinho Além de um Livrinho). Enquanto a garotada debatia os textos do indigenista Ailton Krenak, dei uma escapada até o nosso jardim aromático para colher umas folhas e dar uma aula prática de chás e temperos. Olhando para aqueles olhinhos curiosos, fui subitamente visitado pela lembrança amorosa da minha avó Emma.

Emma nasceu em 1899 nas nossas montanhas cafeeiras. Nunca pisou numa escola, não tinha diplomas e mal assinava o nome. Mas sabia tudo sobre plantas! Era uma raizeira de mão cheia, daquelas que decifravam o milagre da cura pelo perfume de uma casca ou o formato de uma folha.

A recordação me fez viajar para o dia em que fui agraciado na Academia Amparense de Letras. Diante de discursos infindáveis e pomposos, onde cada colega detalhava teses e títulos acadêmicos, minha bateria social, como é padrão em nós, autistas, já estava operando na reserva. Quando finalmente peguei o microfone, a exaustão me deu o dom da síntese mais honesta da minha vida: "Boa noite. Como os colegas, tenho graduações, pós e cerca de trinta livros publicados. Mas, minha homenagem hoje vai para minha avó Emma, nascida em Amparo. Ela era analfabeta e infinitamente mais sábia do que eu. Precisei passar a vida estudando para tentar aprender metade do que ela já nasceu sabendo".

Há uma arrogância velada no cientificismo acadêmico. Quando criança, metido a gênio, eu vestia orgulhosamente um jaleco e brincava com tubos de ensaio, ignorando a imensa biblioteca viva que tomava café na nossa cozinha! Enquanto meio mundo vinha de longe buscar as "garrafadas de ervas" da minha avó, eu limpava a lente do microscópio. Na idade adulta, precisei correr atrás do prejuízo: estudei fitoterapia (terapia com plantas) a fundo e escrevi dois livros cruzando a Medicina Tradicional Chinesa com a psicanálise junguiana e as ervas brasileiras... tudo para tentar decifrar o que a "velha" fazia por puro instinto.

E vejam a ironia do mundo moderno: ela era aclamada (com toda justiça!) "Mestre do Saber" pelo próprio povo. Já eu, para herdar oficialmente o mesmo título, e mais o de "Raizeiro", precisei provar minha competência numa epopeia burocrática que envolveu o IPHAN, o Ministério do Meio Ambiente e o temível SisGen (Conselho de Gestão do Patrimônio Genético). Se déssemos tamanha papelada para os verdadeiros mestres tradicionais, eles provavelmente usariam as folhas de formulário para acender o fogão a lenha...

Essa pontada de revolta contra o excesso acadêmico, somada à saudade de Emma e da minha outra avó, a Josepha (que fechava o combo familiar como uma benzedeira de primeira), inspirou a nossa programação de julho no ReArte! Teremos uma exposição de artes e mostra de cinema sobre saberes tradicionais milenares e uma oficina prática para ensinar todo mundo a usar a força das plantas no bem-estar cotidiano. Tudo totalmente gratuito - exatamente como o atendimento nos quintais das minhas avós. O jaleco e o diploma têm seu valor, mas é na terra úmida e no saber descalço que a cura verdadeiramente reside!